

**Relatar-se para refletir-se:
uma experiência de escritas de si nas aulas de Sociologia**

Joana Elisa Röwer¹

Resumo

Este texto é um relato de experiência na disciplina de Sociologia, em todos os anos do Ensino Médio, em uma escola pública de educação básica de um município da região central do Rio Grande do Sul, que ocorreu durante o ano de 2013. O objetivo central foi construir possibilidades didático-metodológicas de reflexão e conscientização de si na relação entre estrutura e contextos socioculturais e trajetórias individuais. Partiu-se do pressuposto que narrar a própria experiência, produzir relatos de si, provoca estranhamentos/desnaturalizações do saber do senso comum, possibilita conscientizações e pode provocar a reorganização de perspectivas futuras e (re)ordenação do mundo. A disciplina foi desenvolvida em três momentos principais de criação de espaços/tempos de escrita autorreferencial, concomitante ao desenvolvimento dos conteúdos curriculares de cada ano escolar do Ensino Médio. A análise da experiência considerou que a construção de espaços/tempos de escritas de si relacionadas aos temas sociológicos e às trajetórias individuais possibilitou reinterpretações da própria história e do outro e atribuição de outros sentidos aos contextos de vida. Contudo, há de se problematizar as diferentes atribuições de sentidos pelos educandos a esta atividade; a relação educador-educando que interfere no próprio processo de escrita; e a necessidade de aprimorar o trabalho de leitura/escuta dos relatos sobre si mesmos.

Palavras-chave: Ensino de Sociologia. Escritas autorreferenciais. Conscientização de si.

Abstract

This text is a 2013 experience report in the discipline of sociology that englobes all years of high school in a basic education public school in a central region city of Rio Grande do Sul. The main purpose was to build teaching and methodological possibilities of self-reflection and awareness in the relation between structure and social-cultural contexts and individual trajectories. It was assumed that narrating the experience itself produces reports of oneself, causes estrangement / denaturalization knowledge of common sense, enables realizations and may result in the reorganization of future prospects and (re) ordering of the world. The subject was developed in three main systems of space / time of self-referential writing, combined with the development of the curricula of each school year of high school moments. The analysis of the experience considered that the building of space / time written of oneself related to sociological themes and individual trajectories allowed reinterpretations of history itself and of others and, assigning other meanings to the contexts of life. However, it must be questioned the different assignments of meaning by students to this activity; the relationship educator-learner interferes in the own process of writing; and the need to improve the work of reading / listening to the reports oneself.

Keywords: Teaching Sociology. Self-referential writing. Self-awareness.

¹ Doutoranda em Educação pela UFSM/RS.

INTRODUÇÃO

Vida, experiência e aprendizagem são inseparáveis na teoria de educação de John Dewey (2010), em que o conceito de educação é compreendido como um processo de reconstrução e reorganização da experiência pela percepção de sentidos da experiência, o que possibilita orientações futuras. Tal concepção de educação perpassa a experiência docente relatada neste texto, que teve como proposta construir espaços/tempos de narração e possibilidade de interpretação de si, da história pessoal na relação com a História e com as estruturas e condicionantes socioculturais, na perspectiva do estranhamento e da desnaturalização, compreendidos como objetivos da Sociologia no Ensino Médio, expostas nas Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. (OCEN, 2006).

Tal abordagem, ocorrida no ano de 2013, enquanto professora de escola pública, que buscou congregar Ensino de Sociologia com relatos autobiográficos, como dispositivo de formação em Educação, decorre, primeiramente, de uma necessidade experienciada como educadora de criar possibilidades para que os educandos atribuam sentidos aos conteúdos da Sociologia ao compreenderem-se nos contextos sociais e culturais em que estão inseridos. O que sentia, também, é que os temas sociológicos serviam para um entendimento do outro e não de um eu na relação com esses outros. Como diria Bourdieu (2011), o efeito da sociologia é promover autoanálises no sentido de ver-se em meio à História e às estruturas sociais. Desse modo, Oliveira (2011, p. 36) questiona: “Como nos utilizar do olhar da sociologia para pensar e refletir sobre uma realidade significativa para nossos alunos?”.

Os textos de orientação e fundamentação curricular para a educação têm essa perspectiva da relação entre educação e vida. As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN, 2013, p.7) têm “como foco os sujeitos que dão vida ao currículo e à escola”. As DCN expõem que a escola tem como horizonte de ação a vida humana em sua globalidade. Compreende-se que a Sociologia, como disciplina curricular, possa vir a contribuir na significação da relação entre educação e vida, com o propósito de uma educação vivida ou ainda de uma vívida educação.

Meu percurso acadêmico esteve entre a formação em Ciências Sociais/Sociologia e as pós-graduações em Educação (especialização, mestrado e doutoramento) pela UFSM/RS. A relação entre ensino de Sociologia e Pesquisas (Auto)biográficas em Educação, que fundamenta esta abordagem didático-metodológica, decorre também dessas vivências e da percepção de que a metodologia (auto)biográfica, como dispositivo de formação, pode

contribuir com o desenvolvimento das especificidades da Sociologia na educação escolar. Contudo, a experiência exposta neste texto mostra-se de forma preliminar, como uma possibilidade passível de críticas e de novas reordenações de acordo com os contextos e aprofundamentos teóricos.

1 CONTEXTO DA EXPERIÊNCIA

A experiência ocorreu no ano de 2013, na Escola Estadual de Educação Básica Augusto Ruschi, localizada em um bairro periférico da cidade de Santa Maria/RS. A escola estadual de educação básica atende a 1672 alunos, sendo que 35% da comunidade escolar (famílias) são beneficiadas pelo Bolsa Família. O bairro em que se localiza é caracterizado pela negatividade da violência e delinquência e atende uma comunidade advinda de uma história de movimentos de luta pela moradia que culminaram na invasão e ocupação das terras que deram origem a um dos bairros que a escola atende.

A escola tem uma boa estrutura física e oferece à comunidade escolar Serviço de Orientação Educacional – SOE, Atendimento Especializado, assim como conta com alguns programas, como o Programa Escola Aberta para a Cidadania e o Programa Mais Educação, em parceria com a 8ª Coordenadoria Regional de Educação – 8ª CRE, o Projeto Rádio-Escola, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, área de Filosofia em parceria com a Universidade Federal, entre outros programas e projetos.

A escola, que é referência em gestão escolar, tem uma intenção propositiva de valorização dos saberes locais. Em 2013, o complexo temático definido a partir da pesquisa socioantropológica foi “Aprendizagens e Comunicação no Exercício da Cidadania”. Tem como concepção de pessoa a formação do “cidadão consciente, capaz de agir, pensar, com autonomia articulando-se na sociedade com responsabilidade e acreditando nas suas potencialidades”, e compreendendo que a “educação deverá partir do conhecimento adquirido pelo aluno e ser contextualizada com a realidade da comunidade escolar permitindo que este seja reflexivo, analítico e exerça sua cidadania com humanização” (PPP, 2013, p. 5). Estas características expostas no Projeto Político Pedagógico da escola possibilitaram atuar no sentido de proporcionar tempos/espços de autorreflexão, de compreensão da relação entre contextos sociais e história pessoal com o propósito de organização de perspectivas futuras.

Assim, como professora de Sociologia no Ensino Médio, realizei, durante o ano de 2013, uma abordagem voltada para a conscientização de si por intermédio da relação entre história e percepções pessoais e contextos sociais culturais, com cinco turmas do 1º ano,

quatro turmas do 2º ano e uma turma do 3º ano, sendo um período semanal de Sociologia. Participaram dessa proposta de ensino-aprendizagem 138 jovens, de ambos os sexos, na faixa etária de 14 a 18 anos. Embora não haja dados concretos, há um percentual significativo de adolescentes e jovens que trabalham no turno inverso ao da escola ou realizam cursos profissionalizantes.

2 RELATO DA EXPERIÊNCIA

2.1 Pressupostos Teóricos

A disciplina de Sociologia, na experiência aqui relatada, foi gestada e operacionalizada a partir da definição de alguns pressupostos teóricos postos em relação e vinculados à concepção de educação na perspectiva da experiência como elemento de formação humana, aos objetivos da Sociologia e da Sociologia no Ensino Médio e aos pressupostos da Pesquisa (Auto)biográfica em Educação.

A compreensão da experiência como elemento de formação humana na educação remete às concepções de John Dewey, filósofo e pedagogo, defensor da educação progressiva, no início do século XX. Para este educador, vida, experiência e aprendizagem são processos inseparáveis e mutuamente referentes. (DEWEY, 2010). Para Dewey, a experiência educativa tem como função e efeito a percepção de relações e continuidades não percebidas anteriormente e, assim, pela compreensão de outros sentidos, há possibilidades de construção ou geração de novas perspectivas futuras. (DEWEY, 2010). Os conceitos de experiência e sentido na relação com a educação são refletidos, atualmente, pelo professor espanhol Larrosa Bondiá (2002). A experiência é então definida como “o que nos acontece” (BONDIA, 2002, p. 21); é “em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova” (BONDIA, 2002, p. 25). Nas perspectivas acima, uma experiência educativa transforma o sujeito da experiência. Transformação que é formação humana compreendida na sua dinamicidade e continuidade. E, assim, é possível estabelecer relações com o campo da (Auto)biografia como dispositivo de formação em Educação.

Josso (2010), no livro *Experiências de vida e formação*, define o conceito de formação “como atividade de um indivíduo em relação consigo mesmo, com o seu meio humano e natural no seu percurso de vida”. (JOSSO, 2010, p. 245). De modo sucinto, dentro do quadro deste texto, tem-se a compreensão da experiência como formadora da pessoa, ou, ainda, que a formação ocorre pelo experienciar, cujo elemento constituidor é a vida. Este acontecimento

do experienciar necessita da reflexividade do sujeito sobre ele mesmo, sobre o que lhe aconteceu, o que permite reinterpretar, ressignificar a história pessoal e outras reordenações futuras. Na abordagem (Auto)biográfica como dispositivo de formação em educação, o relato de si é percebido como um exercício de reconstrução e reavaliação das experiências e aprendizagens decorrentes de todos os âmbitos sociais e culturais vividos; é um exercício de reflexão de si e, por isso, de formação. Assim, Passeggi (2011), ao abordar sobre as narrativas (auto)biográficas como prática de formação do adulto, expõe sobre a potencialidade dos relatos autobiográficos e a sua consequente contribuição para o protagonismo individual.

As relações que realizo entre as concepções de experiência, aprendizagem, formação, reflexividade, vida, acima descritas, com o ensino de Sociologia na educação básica refere-se, justamente, aos objetivos da Sociologia e da Sociologia no Ensino Médio nas OCEM (2006), que indicam, como papel da Sociologia, a contribuição na formação da criticidade e da cidadania e, sobretudo, no desenvolvimento dos processos de estranhamento e desnaturalização, compreendidos como princípios epistemológicos, que necessitam da reflexão sobre a relação entre contextos e condicionantes sociais/culturais e biografias individuais. Segundo este documento, o estranhamento significa, de modo geral, pôr em evidência os fatos cotidianos e interpretá-los como objetos de estudo da Sociologia, ao compreender as causas, as regularidades e como estes influenciam os indivíduos. A desnaturalização significa compreender as regras, as normas, os valores, as instituições sociais no seu processo histórico e dinâmico.

Em relação ao conceito de imaginação sociológica, Mills (1975) o concebe como uma qualidade de espírito que permite a compreensão dos cenários históricos amplos na relação com os significados para cada indivíduo, na compreensão do modo como esta relação influencia as projeções individuais. Para Berger (1978), o olhar sociológico, ou, ainda, a consciência sociológica, seria desmistificador, na medida em que proporciona a compreensão de como os sistemas sociais funcionam na relação com a compreensão/localização de si no tempo/espço social. Para Silva (2005), é justamente o desenvolvimento desse olhar sociológico a possibilidade de aproximar os jovens do estudo da Sociologia na sala de aula e de fomentar a criticidade.

Encontra-se em Bourdieu (2011) uma discussão entre pôr a Sociologia em seus conteúdos conceituais e teóricos e produzir efeitos de reflexividade, ou seja, situações de sócio-autoanálise, que se aproximam da compreensão do desenvolvimento da imaginação sociológica. A Sociologia tem como função a compreensão do mundo social. Sua tarefa

também é a compreensão do *corpo socializado*, a qual, segundo Bourdieu (2003), desnaturaliza, desfataliza e, por isso, liberta na possibilidade de reorganizações futuras. História social e estruturas sociais são sintetizadas em trajetórias individuais (FERRARROTI, 2010), cuja narração e reflexão são possibilidades de experiências formativas e compreensões da relação entre condicionantes sociais e as próprias biografias.

2.2 Desenvolvimento da Experiência

A disciplina de Sociologia foi desenvolvida em três momentos principais, constituídos pelo exercício da escrita de si. Esta elaboração da narrativa, conforme Josso (2010), pode ocorrer tanto pela escolha de uma ou diversas temáticas que circunscrevem a narrativa, ou pela reconstituição do percurso de formação na sua integralidade. Desta forma, questões² foram realizadas que direcionaram os relatos. O primeiro momento ocorreu de forma geral a todos os anos do Ensino Médio, e o desenvolvimento subsequente na relação com os conteúdos disciplinares de cada ano escolar foi orientado pelo Programa Referência dos Processos Seletivos Seriados e Processo Seletivo Único para ingresso na Universidade Federal de Santa Maria RS – ano 2013.

O primeiro momento, no início do ano letivo, foi uma reflexão geral sobre as relações entre indivíduo, história e sociedade, sobre as relações entre condicionantes sociais e histórias individuais e sobre uma sensibilização em relação ao sentido da Sociologia no Ensino Médio e os seus efeitos possíveis de desenvolvimento do olhar sociológico. Após, foi solicitado que os alunos escrevessem sobre si mesmos, com a questão “Quem é você?”. Esta questão teve o objetivo de provocar os jovens estudantes a não apenas falarem de si mesmos, mas também exercitar a reflexão sobre si mesmos, iniciando um processo de autodescoberta. Como professora, a leitura desses relatos permitiu uma avaliação de quem eram esses alunos, como percebiam a si mesmos na relação com os seus contextos de vida.

As aulas subsequentes seguiram conforme os conteúdos programáticos de cada ano escolar, com o uso de metodologias diversificadas como filmes, vídeos, fotografias, debates e dinâmicas, intercaladas com aulas expositivas, mas sempre pontuadas pela reflexão de como determinado tema sociológico atravessa as vidas individuais. Assim, no período que antecedeu as férias de inverno, foi solicitada aos estudantes uma escrita autorreferencial com a seguinte questão: “Como as coisas que você aprendeu em casa, na comunidade, no grupo de

² A elaboração das questões tomou por base uma proposta didático-metodológica para o ensino de Sociologia na educação básica, desenvolvida por Ileizi Fiorelli Silva e apresentada no ano de 2005.

amigos, na escola e em outros lugares influenciam suas escolhas e dão sentido a sua vida?”. Esta questão teve como objetivo proporcionar que os alunos percebessem a influência dos contextos e das estruturas sociais que participam nas suas concepções, perspectivas e trajetórias individuais. A leitura desses relatos também proporcionou a percepção de como os temas sociológicos trabalhados em cada ano escolar, como família, educação, violência, gênero, foram reinterpretados na relação com a história de cada um, o que constituiu o segundo momento da disciplina.

O terceiro momento ocorreu ao final do ano letivo, quando foi solicitado aos estudantes que relatassem sobre “O que ficou de mais importante? E agora, o que você espera da sua vida?”. O objetivo desta questão era perceber como os jovens estudantes atribuíram sentidos aos conhecimentos sociológicos, e, ainda, como a aquisição desses conhecimentos, a reinterpretação dos contextos sociais e culturais na relação com as trajetórias individuais, podem influenciar ou não as perspectivas de vida. Após esta escrita, foram realizadas conversas com alunos de cada classe escolar sobre a experiência de escrever sobre si mesmo e de como eles significaram a Sociologia a partir dessa vivência.

3 REFLEXÕES E ANÁLISES SOBRE A EXPERIÊNCIA

Para Dewey (2010), as aprendizagens devem servir para a reconstrução das experiências e reorganizações de perspectivas futuras. Este processo não é delimitado em uma determinada etapa da vida, ou seja, a atribuição de sentidos e a aquisição de habilidades de aprender ocorrem em um processo contínuo de reordenação, rearranjo e transformação da vida. A relação entre aprendizagem e experiência realiza-se na medida em que conhecer algo implica uma transformação em quem conhece. Na perspectiva de Bondiá (2002), a experiência é algo que toca cada indivíduo, ou seja, é uma tarefa individual, embora possa ser possibilitada coletivamente.

Assim, a experiência aqui relatada tem seus limites de compreensão em uma coletividade de turmas e alunos, pois a reelaboração das experiências de vida, a compreensão de outros sentidos pela relação com as temáticas sociológicas e mesmo a possibilidade de outros olhares sobre as perspectivas futuras é algo que ocorre do aluno para ele mesmo. Compreende-se que este exercício de escritas autorreferenciais contribui para a aquisição de uma habilidade de aprendizagem de relacionar os conhecimentos escolares com a vida vivida em outros espaços/tempos.

A análise da experiência e as falas dos educandos sobre esta vivência apontou, de forma geral, que a construção de espaços/tempos de escritas sobre si mesmo, relacionadas aos temas sociológicos e às trajetórias individuais, possibilitou estranhamentos e desnaturalizações, reinterpretações da própria história e do outro e atribuição de outros sentidos/compreensões aos contextos de vida. Contudo, há de se problematizar as diferentes atribuições de sentidos e mobilizações pessoais dos educandos para a realização dessas escritas. Havia textos longos e densos de reflexividade sobre as próprias histórias e relatos de uma única frase, como “Sou um adolescente de 16 anos que acha o mundo chato”. Este último, apesar de sucinto, pode demonstrar a sua intensidade. A não atribuição de sentido dos educandos em atividades que remetem as suas histórias individuais pode ser compreendida tanto pela percepção de que atividades com estas características não resultam em conhecimentos teóricos e/ou de que refletir sobre suas biografias significa revelar trajetórias de vida marcadas por violência, abandono, carências econômicas e afetivas, nas quais a escola aparece como um lugar de saída dessas situações e não como um lugar para reviverem tais configurações.

Outro ponto a ser problematizado é a relação educador-educando, que interfere no próprio processo de escrita do aluno, pois relatar-se e dar-se para ler é permitir que o outro (o/a professor/a) tome consciência da sua vida, entre os limites daquilo que se quer ou não revelar. Nesse sentido, é necessário olhar a própria condição da pessoa do educador em trabalhar com trajetórias de vida de outros que envolve emocionalidades e demandas afetivas individuais, o que pode ser remetido a uma discussão, tanto da função e da ética profissional do educador, quanto da formação docente, que não contempla tal preparação. Como professora, a experiência de conhecer os estudantes pelos relatos apresentados afetou as relações que estabelecia, tanto de forma individualizada, como de forma geral, pois, ao entrar nas salas, não via alunos, mas pessoas e suas histórias de vida.

Contudo, ao final dessa experiência com relatos autorreferenciais e ensino de Sociologia, houve a necessidade de aprimorar o trabalho de leitura/escuta dos relatos para as próximas experiências docentes neste modo de abordagem. Talvez possa ser realizado um exercício de leitura/escuta atenta entre os pares de alunos, em pequenos grupos, para que eles, ao também tomarem consciência das trajetórias de outros, repensem suas próprias trajetórias.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A discussão que Bourdieu (2011) apresenta, entre pôr a Sociologia em seus conteúdos conceituais e teóricos e produzir efeitos de reflexividade, adentra a discussão do que ensinar, por que ensinar e como ensinar. Esta “situação de autoanálise” a que Bourdieu se refere se aproxima da compreensão de desenvolvimento da imaginação sociológica de Mills (1975) e da consciência sociológica de Berger (2011). Estas definições apontam para a concepção de que a tarefa da Sociologia é estabelecer relações entre os contextos sociais amplos e as biografias individuais, ou seja, é ver-se nesta relação.

O desenvolvimento do estranhamento, da desnaturalização e da imaginação sociológica (OCEM); da criticidade e da cidadania pela conscientização de si (PCNEM); da compreensão da vida cotidiana, da ampliação da “visão de mundo” e do “horizonte de expectativas”, nas relações interpessoais (PCNEM), postos como objetivos da Sociologia no Ensino Médio, pelos parâmetros e pelas orientações curriculares de caráter nacional; e a ênfase temático-conceitual dos conteúdos da sociologia exposta pelas diretrizes curriculares estaduais incitam, porém, a refletir sobre a necessidade de fundamentações metodológicas do trabalho com a realidade dos educandos, a vida dos educandos, com as biografias para a conscientização de si e para um devir, na perspectiva da reflexão de si como dispositivo de formação, ou seja, na perspectiva da Autobiografia como dispositivo de formação.

O que foi exposto neste texto é uma possibilidade de trabalhar com relatos autobiográficos, escritas autorreferenciais, com jovens adolescentes no espaço de sala de aula, nos limites de tempo da disciplina escolar. Há outros modos possíveis de fomentar a reflexão sobre si na relação com os conteúdos da sociologia, sobretudo nos temas sociológicos que aparecem como uma tendência do ensino de sociologia na educação básica, ressaltada a importância do tripé conceitos-temas-teorias, conforme as OCEM (2006). Há uma diversidade de modos de narrar além de escritas, como orais, por fotografias, vídeos, músicas, que provocam autorreflexões. Também podem ser utilizados dispositivos de reflexão sobre determinado tema cujas escolhas estão entre as habilidades do professor e as características dos estudantes e do contexto de sala de aula. Contudo, o desenvolvimento de trabalhos com autobiografias e de reflexão de si necessitam de fundamentações epistemológicas e indicação metodológica cujo campo teórico da Pesquisa (Auto)biográfica em Educação pode fornecer.

Por fim, as indicações do trabalho pedagógico com a realidade dos educandos, em que a vida dos educandos é realizada como compreensão da relação entre condicionantes sociais e histórias individuais, permitindo conscientização e crítica, como fundamento da ação no social. Compreender a relação entre estruturas/contextos sociais e trajetórias individuais é

produzir compreensões sobre como é possível agir para a transformação das trajetórias pessoais e para a mudança social.

REFERÊNCIAS

BERGER, Peter. *Perspectivas Sociológicas: uma visão humanística*. Tradução de Donaldson M. Garschagen. Petrópolis: Vozes, 1978.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 19, pp. 20-28, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2014.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Fim de Século, 2003.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. *O sociólogo e o historiador*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica*. Brasília, 2013. Disponível em: <[file:///C:/Users/Joana/Downloads/diretrizes_curriculares_nacionais_2013%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Joana/Downloads/diretrizes_curriculares_nacionais_2013%20(3).pdf)>. Acesso em: 16 abr. 2014.

_____. Ministério da Educação. *Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio*. v. 3 Brasília, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2012.

_____. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio*. parte 4, Brasília, 1999. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2012.

DEWEY, John. Textos selecionados. In: WESTBROOK, Robert B.; TEIXEIRA, Anísio; ROMÃO, José Eustáquio; RODRIGUES, Verone Lane (org.). *John Dewey*. Recife: Massangana, 2010. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4677.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2013.

FERRAROTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, Antônio; FINGER, Matias (Orgs.). *O método (auto)biográfico e a formação*. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: PAULUS, 2010. p.35-57.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. Tradução de José Cláudio e Júlia Ferreira. Natal, RN: EDUFRN, 2010.

MILLS, Charles Wright. *A imaginação sociológica*. Tradução de Waltemir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

OLIVEIRA, Amurabi. Sentidos e dilemas do ensino de sociologia: um olhar sociológico. *Revista Inter-legere*; Rev. C. Sociais UFRN, Natal, n. 9, pp. 25-39, jul-dez. 2011. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/interlegere/09/inter-legere.htm>>. Acesso em: 20 abr. 201.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A pesquisa (auto)biográfica em educação: princípios epistemológicos, eixos e direcionamentos da investigação científica. In: VASCONCELOS, Fátima; ATEM, Érica. (Org.). *ALTERidade: o outro como problema*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011.

RIO GRANDE DO SUL, Secretaria de Educação – 8ª CRE. *Projeto Político Pedagógico Escola Estadual de Educação Básica Augusto Ruschi*. Santa Maria, 2013. Disponível em: <<http://escolaaugustoruschi.com.br/projeto-politico-pedagogico-ppp>>. Acesso em: 20 mar. 2013.

SILVA, Ileizi Fiorelli. A Imaginação Sociológica: desenvolvendo o raciocínio sociológico nas aulas com jovens e adolescentes. *Grupo de Apoio ao Ensino de Sociologia* – Universidade Estadual de Londrina, Paraná, pp. 1-15, 2005. Disponível em: <<http://www.uel.br/grupo-estudo/gaes/pages/o-ensino-da-sociologia.php>>. Acesso em: 05 mar. 2013.